**Resumo- Texto: Lockman, J. J. (2000). A perception-action perspective on tool use development. Child Development, 71(1), 137-144.**

**Aluna: Valeria Moro**

Havendo evidências de que o uso de ferramentas não é de exclusividade humana, o autor defende que o comportamento motor e a percepção-ação fazem parte de um processo para o uso de ferramentas, que seria um processo de desenvolvimento contínuo, ao invés de algo como um insight. Estudando bebês, sugere que esse processo de emergência do uso de ferramentas pode ter início nos primeiros meses de vida do bebê resultado de um processo gradual e contínuo que precisa ser estudado. Nesse processo o “errar” faz parte do aprendizado, não devendo ser considerado como lacuna ou problemas cognitivos, pelo contrário, deve ser examinado e estudado.

O autor sugere que a exploração da forma de uso das ferramentas por bebês atende às demandas de executar aquela determinada tarefa fazendo parte do processo adaptativo. Refere que a interação com os espaços através da percepção é um desafio e a tarefa de encontrar affordances, que seria encontrar objetos e estabelecer relações com eles também. A partir de um sistema dinâmico de aprendizagem do desenvolvimento motor as crianças estão explorando as formas de uso das ferramentas capacitando-as a atender as demandas na adaptação. Experimentar de diferentes formas o uso de uma ferramenta proporciona uma oportunidade auto-gerada para dominar o uso. Existe variabilidade no uso de ferramentas entre os indivíduos, sendo esta a regra e não a exceção.

O autor exemplifica, através do uso de alguns objetos por bebês, que os precursores motores do uso de ferramentas já podem estar evidentes nos primeiros meses de vida e que alguns comportamentos exploratórios manuais podem ser treinados e incorporados no uso de ferramentas por eles. E conclui que o comportamento do uso de ferramentas por bebês pode se revelar realmente de forma mais contínua do que se imaginava e tendo origem no comportamento de percepção-ação.

**Questões: von Hofsten, C. (2009). Action, the foundation for cognitive development. Scandinavian Journal of Psychology; 50(6), 617-23.**

**Aluna: Valeria Moro**

1. Quando coloca que toda a percepção é caracterizada por atividades exploratórias como ouvir, olhar e que todas as ações também tem funções perceptivas. Desta forma, afirma que qualquer ação envolve ações perceptivas. Sendo assim, ele trata a percepção já como uma ação, correto? E ação tem sempre interação, um objetivo ao contrário do reflexo.
2. Interessante como coloca o que é a base da habilidade. O conhecimento acumulado, através ações exploratórias sistemáticas de uma tarefa, permite que haja uma estruturação para aquela ação e que seria o planejamento, levando à aquisição de habilidade naquela tarefa?
3. Colocando a sucção como ação, e não como reflexo, contrário ao que sempre foi meu entendimento, define como sendo provavelmente o comportamento mais precoce dos recém-nascidos e o único que será mais hábil do que o adulto. Para sobrevivência, a sucção é o que mantem a vida do bebê naquele momento, tendo ou desenvolvendo habilidade necessária. Muito interessante o desenvolvimento da sucção como a habilidade que por necessidade é melhor do que o adulto.
4. Interessante quando diz que expandir a capacidade de ação é gratificante, por isso bebês abandonam rapidamente padrões de comportamento que se tornaram repetitivos para desenvolver outros padrões. Parece que o desafio de uma nova ação, ou aquisição, é gratificante. Interessante avaliar como seria a diferença em termos de variabilidade na questão de bebês que tem mais prazer por novos desafios e outros que ficam mais tempo nas mesmas ações ao invés de buscar por outras. O que os diferenciaria?
5. Neurônio em espelho só é acionado se houve uma experiência prévia. Não entendi muito bem e como a base para a teoria da mente é o sistema de neurônio espelho.